

Ser escutado, perceber que suas experiências importam, contribui para o resgate da dignidade do ser humano

Being listened to, realizing that your experiences matter, contributes to the rescue of human dignity

Juliana Sapucaia de Freitas^{1*}, Maria Constantina Caputo², Carmen Fontes Teixeira³

¹Psicóloga, Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade na Universidade Federal da Bahia- EISU/UFBA; ²Médica e psicóloga, Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia- UFBA, Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos- IHAC/UFBA; ³Médica, Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia -UFBA, Professora aposentada do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos- IHAC/UFBA.

Resumo

Introdução: o plantão psicológico é uma modalidade de atenção psicológica que se caracteriza pela oferta de uma escuta clínica especializada no exato momento em que o sujeito vivencia uma crise. Essa prontidão na acolhida dialoga com as necessidades do sujeito contemporâneo que, imerso num cenário de indisponibilidade de tempo e afeto, encontra no plantão um lugar de referência com o qual poderá contar para o cuidado em saúde mental. **Objetivo:** analisar a produção científica sobre o plantão psicológico do período de 2017 a 2021. **Metodologia:** trata-se de um estudo descritivo-exploratório de abordagem quali-quanti acerca das publicações sobre o plantão psicológico indexadas no Portal de Periódicos da CAPES. **Resultados:** foram encontrados 34 artigos, dos quais 19, por atenderem aos critérios de elegibilidade estabelecidos, integraram este estudo. A produção científica sobre o plantão psicológico vem sendo desenvolvida nos serviços-escola das instituições universitárias, publicadas em veículos de expressiva qualidade, com maior concentração de estudos na região sul do Brasil e com predomínio de pesquisa de natureza qualitativa e relatos de experiência. Em relação à temática abordada, foram identificados três núcleos de sentidos: fundamentação teórica do plantão a partir de uma abordagem específica, plantão como prática clínica na formação profissional em psicologia e características dos sujeitos que demandam a clínica do plantão. **Conclusão:** constatou-se que os estudos sobre o plantão têm trilhado caminhos diversos, incluindo várias abordagens teóricas e práticas em contextos distintos, com destaque para os serviços-escola das universidades, lugar de concepção dessa modalidade clínica e onde se pode fazer a diferença na formação de profissionais comprometidos ética e politicamente com os sujeitos em situação de angústia/sofrimento psíquico, que têm, no plantão, portas abertas para serem escutados, de modo a compreenderem seus problemas e atribuírem novos significados às suas experiências.

Palavras-chave: plantão psicológico; produção científica; urgência psicológica; urgência subjetiva.

Abstract

Introduction: the psychological 'on duty' is a type of psychological care that is characterized by the provision of specialized clinical listening, at the exact moment when the subject experiences a crisis. This readiness in welcoming dialogues with the needs of the contemporary subject who, immersed in a scenario of unavailability of time and affection, finds, on duty, a place of reference on which he can count on mental health care. **Objective:** to analyze the scientific production on psychological duty in the period from 2017 to 2021. **Methodology:** is a descriptive-exploratory study with a quali-quantitative approach about the publications on psychological duty indexed in the CAPES Journal Portal. **Results:** a total of 34 articles were found, of which 19, as they met the established eligibility criteria, were part of this study. Scientific production on psychological duty has been developed in the teaching services of university institutions, published in vehicles of expressive quality, with a greater concentration of studies in the southern region of Brazil and with a predominance of qualitative research and experience reports. Regarding the topic addressed, three core meanings were identified: the theoretical foundation of the on-duty from a specific approach, on-duty as clinical practice in professional training in psychology and characteristics of the subjects who demand the on-duty clinic. **Conclusion:** it was found that studies on the on-duty have followed different paths, including several theoretical and practical approaches, in different contexts, with emphasis on university school services, the place where this clinical modality is conceived and where a difference can be made in training of professionals who are ethically and politically committed to subjects in situations of anguish/psychic suffering, who have, on duty, open doors to be listened to, in order to understand their problems and attribute new meanings to their experiences.

Keywords: psychological duty; scientific production; psychological urgency; subjective urgency.

INTRODUÇÃO

A psicologia, ao longo de sua história, tem se mobilizado para ampliar sua atuação, buscando estar presente onde as pessoas vivem e se relacionam e se pondo ao alcance daquelas que dela necessitam. A prestação de serviços clínico-psicológicos em instituições é uma possibilidade

Correspondente/Corresponding: *Juliana Sapucaia de Freitas – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC – Universidade Federal da Bahia – End.: Rua Barão de Jeremoabo, s/n, PAF-V, Ondina, CEP 40170-115, Salvador, Bahia. – Tel: (71)3283-6790. – E-mail: juliana.sapucaia@ufba.br

de aproximar-se da rotina das pessoas e do contexto em que estão inseridas, podendo assumir diferentes formatos: psicoterapia convencional, psicoterapia breve, psicoterapia focal, grupos terapêuticos e plantão psicológico.

O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento clínico-psicológico que nasceu em uma instituição, o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), em 1969, poucos anos após o reconhecimento legal da psicologia como profissão no Brasil e em meio a graves e profundas conturbações na vida social e política do país¹. Idealizado, com fundamentação teórica na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, pela equipe do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do IPUSP, o plantão consiste numa prática de atenção psicológica aberta à comunidade, que busca atender a pessoa no exato momento de sua necessidade^{1,2}. É uma modalidade clínica que se volta para o sujeito em seu atravessamento premente ao colocar-se, de forma facilitada e desburocratizada, em regime de prontidão para acolher aquilo que urge. Não se trata de psicoterapia, mas da oferta de um espaço de escuta especializada a um sujeito que apresenta uma demanda subjetiva, na ocasião em que ele vivencia sua iminência, oferecendo-lhe, assim, condições para que possa identificar recursos de enfrentamento e ressignificar o seu estar no mundo^{2,3}.

Considerando que o sujeito da contemporaneidade encontra, como um dos principais desafios, a efemeridade dos processos e dos fenômenos, a fluidez das relações e um tempo que se esvai, a psicologia, como uma área de conhecimento que se ocupa da constituição subjetiva do homem, depara-se com novas e desafiadoras questões. Nesse contexto, o plantão psicológico se insere como uma clínica comprometida com a escuta e o atendimento do outro, concebido como um sujeito sócio historicamente situado^{3,4}.

Esse sujeito que se vê em meio às incertezas e instabilidades decorrentes de um processo que constrói e, ao mesmo tempo, desconstrói a realidade, encontra no plantão um lugar de referência: um espaço acessível, com o qual poderá contar diante de uma necessidade⁴. Em uma época em que a indisponibilidade, de caráter afetivo ou temporal, impera, poder contar com um espaço de acolhimento para sua dor no momento em que o sujeito a vivencia faz do plantão uma clínica atual e potente.

Em contraponto à psicologia clínica tradicional, alicerçada principalmente no psicodiagnóstico e na análise estrutural da personalidade, o plantão se volta para as necessidades das pessoas em seu viver cotidiano. Sua atuação se enquadra como uma prática de promoção de saúde e atenção cuidadosa, visto que se propõe a suportar as situações do dia a dia que são percebidas pelo sujeito como algo que transpassa sua subjetividade⁵. Trata-se de um encontro transformador entre uma pessoa que vive uma angústia e outra que está disposta a acolhê-la, entre aquele que precisa falar e aquele que está ali, de prontidão, para lhe ofertar uma escuta qualificada. Esse pronto atendimento se compreende fundamentalmente

como um promotor de bem-estar psicossocial, o que, dito de outra forma, corresponde a deslocar o eixo da psicopatologia para voltar-se a uma noção de saúde socialmente contextualizada².

Nessa prática clínica portas-abertas, a psicologia busca afirmar sua presença e atenção integral à realidade dos sujeitos, o que vai ao encontro da compreensão de clínica defendida por Figueiredo⁶, vista como *ethos*, como uma atitude, e não como uma área de atuação circunscrita a consultórios particulares. Para esse autor, o que define a clínica é a sua ética, o compromisso com a escuta do sujeito que sente e sofre e o respeito a seus recursos e limites enquanto ser autônomo.

Tendo em vista a limitação de trabalhos voltados à investigação das publicações sobre o tema^{7,8}, o presente estudo teve como objetivo analisar a produção científica sobre o plantão psicológico desenvolvida no período de 2017 a 2021, refletindo acerca dessa prática clínica que, apesar de ter surgido no final da década de 1960, tem se mostrado em sintonia com a temporalidade atual, constituindo um importante recurso no campo da promoção da saúde mental.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa descritivo-exploratória. Trata-se de um tipo de estudo que fornece uma visão geral sobre temas pouco investigados a partir da descrição das características do fenômeno e das variáveis que o interseccionam^{9,10}. Nessa perspectiva, o primeiro passo foi a elaboração de uma pergunta norteadora: “Quais as características da produção científica sobre plantão psicológico dos últimos quatro anos (2017-2021)?”. Em seguida, definiu-se a fonte de dados, que foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e procedeu-se à busca com utilização do descritor “plantão psicológico”. Além disso, as publicações foram filtradas por idioma e recorte temporal, visando selecionar apenas estudos redigidos em português, inglês ou espanhol e publicados no período de 2017 a 2021. A busca retornou um total de 34 artigos, dos quais foram lidos os resumos, aplicando-se os seguintes critérios de inclusão: pesquisas científicas, em quaisquer formatos, cujo objeto de estudo fosse, direta ou indiretamente, o plantão psicológico e que estivessem disponíveis, na íntegra, *on-line*. Foram excluídos os artigos repetidos. Dessa forma, nove artigos que se repetiam, dois que estavam fora do recorte temporal do estudo (mesmo após aplicação do filtro, um artigo de 2016 e outro de 2022 apareceram nos resultados) e quatro em que o plantão psicológico não constituía um tópico da investigação, apenas era mencionado como uma modalidade clínica, não fizeram parte deste estudo.

Os 19 trabalhos selecionados foram lidos na íntegra e organizados em uma planilha do Programa *Microsoft Excel* em função de: título; ano da publicação; autoria; filiação institucional do autor principal; estado e região em que se situa a instituição à qual esse autor está vinculado;

periódico onde o artigo foi publicado; tipo de estudo (pesquisa qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa; estudo teórico e relato de experiência); enfoque teórico (no caso dos estudos em que o plantão psicológico foi abordado a partir de um referencial teórico específico); local (estudos que consideraram o plantão em um determinado contexto) e palavras-chave. Esses atributos foram elencados a fim de se traçar um panorama geral dos estudos sobre o plantão, contribuindo para o delineamento de tendências e perspectivas das investigações sobre o tema.

A análise do conteúdo dos artigos selecionados foi feita a partir das indicações de Bardin¹¹ (2016), iniciando-se com a pré-análise, seguida da exploração do texto completo segundo as categorias de análise apontadas, o que permitiu a elaboração de uma tipologia dos artigos conforme concepção dos autores acerca do plantão psicológico, bem como a elaboração de gráficos e tabelas que expressam a distribuição temporal, territorial, por avaliação do periódico no Qualis-CAPES, por tipo de metodologia empregada na pesquisa que originou cada artigo componente deste estudo e por instituição em que o serviço está inserido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Distribuição temporal das publicações

A produção científica sobre o plantão psicológico dos últimos quatro anos constituiu-se de 19 estudos, todos artigos, que foram organizados por ordem cronológica do ano de publicação conforme se expõe na tabela a seguir:

TABELA 1 – Distribuição temporal da produção científica sobre plantão psicológico

ANO	Nº DE ARTIGOS	%
2017	2	10,53
2018	2	10,53
2019	6	31,58
2020	3	15,79
2021	6	31,58
TOTAL	19	100

TABELA 2 – Distribuição das publicações segundo vinculação institucional do autor principal, estado e região do país

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO	Nº	%
Norte	Pará	Universidade Federal do Pará	1	5,26
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal do Vale do São Francisco	1	10,53
		Universidade Católica de Pernambuco (instituição Privada)	1	
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	Universidade Federal de Grande Dourados	1	21,05
		Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	
	Goiás	Universidade Federal de Jataí	2	

Fonte: elaboração própria

As publicações sobre o plantão se apresentaram de forma crescente no período de 2017 a 2021, observando-se significativo declínio de produção no ano 2020 (15,79%), com retomada no ano seguinte. Tal declínio pode estar relacionado ao início da pandemia de Covid-19, tendo em vista que uma reaproximação dos modos de vida habituais apenas foi possível com o acesso da população à vacinação, o que, no Brasil, só foi garantido no início do ano seguinte¹². A produção do ano de 2019 (31,58%) foi superior à soma das publicações dos anos de 2017 (10,53%) e 2018 (10,53%), o que sinaliza ascensão do interesse a respeito do tema, que em 2021 voltou ao mesmo patamar.

Distribuição dos artigos segundo vinculação institucional do autor principal, estado e região do país

Quanto à caracterização das pesquisas sobre o plantão no que tange à região geográfica, houve um predomínio da produção realizada em instituições situadas no sul do país, representando 36,84% das publicações (Tabela 2), seguida da produção oriunda de instituições da região Sudeste, com 26,32%. Norte foi a região com menor número de publicações, constituindo a origem de apenas 5,26% dos estudos. Cabe destacar que a produção da região Sul se concentrou no estado do Paraná, especialmente na Universidade Estadual de Londrina (UEL), que, com 4 publicações, foi responsável por 57,14% dos estudos dessa região e 21,05% do total de trabalhos sobre o tema. Essa concentração, provavelmente se deve ao fato de as publicações dessa universidade serem desdobramentos das experiências com o plantão ofertado no serviço-escola da instituição sob coordenação da professora Maira Bonafé Sei, docente associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e diretora da Clínica Psicológica da UEL (Gestão 2014-2018 e 2018-2022), que figura como coautora nos referidos trabalhos e tem se dedicado à pesquisa sobre o tema¹³.

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO	Nº	%
Sudeste	Rio de Janeiro	Centro Universitário Celso Lisboa (instituição Privada)	1	26,32
	São Paulo	Universidade Paulista (instituição Privada)	1	
		Universidade de São Paulo	1	
		Universidade de Sorocaba (instituição Privada)	1	
	Minas Gerais	Universidade Federal de Uberlândia	1	
Sul	Paraná	Universidade Estadual de Londrina	4	36,84
		Universidade Estadual de Maringá	2	
		Universidade Paranaense (instituição privada)	1	
TOTAL			19	100

Fonte: elaboração própria

A prevalência de estudos na região Sul pode indicar, inclusive, que as pesquisas sobre o plantão vêm ganhando força para além da região em que se situa sua base constitutiva, visto que o surgimento dessa modalidade de atenção ocorreu na Universidade de São Paulo (USP), que mantém a oferta dessa prática até os dias atuais e detém tradição de pesquisa na área^{7,8}. É válido pontuar que a produção do estado de São Paulo ainda se manteve em evidência, representando 15,79% (3) do total de estudos e situando-se como segundo estado com maior número de publicações acerca do assunto.

Distribuição das publicações segundo classificação no Qualis - CAPES e periódicos

As publicações sobre o plantão psicológico têm sido feitas em veículos de expressiva relevância, com 63,16% (12) dos trabalhos (Tabela 3) nos estratos de excelência do Qualis – CAPES, segundo classificação, da Área de Psicologia, do quadriênio 2013-2016¹⁴. Trata-se de artigos submetidos a rigorosos critérios de avaliação científica e indexados em importantes bases de dados, indicando, portanto, a elevada qualidade e o alcance do conhecimento produzido sobre o tema¹⁵.

TABELA 3 – Distribuição dos artigos de acordo com a classificação de periódicos Qualis – CAPES 2013-2016

ESTRATO QUALIS CAPES (2013-2016)	PERIÓDICO	Nº	%
A1	<i>Psicologia em Estudo</i>	1	5,26
	<i>Estudos e Pesquisas em Psicologia</i>	1	
A2	<i>Psicologia USP</i>	1	26,32
	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	3	
B1	<i>Revista da Abordagem Gestáltica</i>	1	10,53
	<i>Revista da SPAGESP</i>	1	
B2	<i>Interação em Psicologia</i>	1	21,05
	<i>Revista Baiana de Enfermagem</i>	1	
	<i>Revista Brasileira de Psicodrama</i>	1	
B3	<i>Revista Brasileira de Terapias Cognitivas</i>	1	5,26
	<i>Semina: Ciências Sociais e Humanas</i>	1	
B4	<i>Itinerarius Reflectionis</i>	1	26,32
	<i>Revista Brasileira de Tecnologias Sociais</i>	1	
	<i>Revista de Psicanálise Stylus</i>	1	
	<i>Revista em Extensão</i>	1	
B5	<i>Revista Mundi Sociais e Humanidades</i>	1	5,26
	<i>Realização</i>	1	
TOTAL		19	100

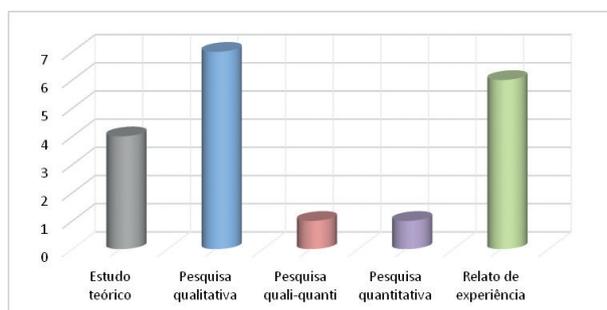
Fonte: elaboração própria

A presença em indexadores e bases de dados é uma das principais medidas de acessibilidade do conhecimento pela comunidade científica e, portanto, constitui um critério de grande relevância na classificação dos periódicos. Ademais, a mensuração do quanto o periódico é lido e citado fornece um dado preciso de seu alcance e, por esse motivo, também compõe uma dimensão importante da avaliação. Assim, os periódicos classificados nos primeiros quatros estratos estão presentes, no mínimo, em três dos mais relevantes indexadores e bases de dados para a área de psicologia e apresentam significativos escores de impacto e citação (com parâmetros específicos para periódicos internacionais gerais ou áreas afins, internacionais da área de psicologia, nacionais gerais ou áreas afins e nacionais de psicologia)¹⁵. É importante pontuar que dos 12 periódicos classificados nesses estratos, apenas um (Revista Baiana de Enfermagem) não é especificamente voltado para área de psicologia, o que aponta para o fato de que a produção e a disseminação de conhecimento sobre o plantão psicológico vêm se pautando, de forma prioritária, no estabelecimento de um diálogo direto com a área.

Distribuição dos artigos segundo a tipologia dos estudos

A classificação dos artigos segundo o tipo de estudo foi realizada a partir da definição constante nos próprios trabalhos, e, nos casos em que essa informação não estava presente, através da identificação dos procedimentos e métodos utilizados. Com isso observou-se (Figura 1) uma predominância de pesquisas qualitativas (7)¹⁶⁻²², seguidas de relatos de experiência (6)²³⁻²⁸ e estudos teóricos (4)²⁹⁻³². Com uma produção cada, os trabalhos de natureza quali-quantitativa³³ e quantitativa³⁴ tiveram a menor frequência. A prevalência de pesquisas qualitativas e relatos de experiência corroboram achados anteriores^{7,8} e evidenciam a relação entre a produção científica sobre o plantão e a prática profissional, com ênfase em abordagens que valorizam a experiência vivencial.

Figura 1 – Tipos de Estudo



Fonte: elaboração própria

Análise temática dos artigos: concepções, sujeitos e práticas do plantão psicológico

No tocante às temáticas do estudo, sete publicações^{16,17,23,24,29-31} buscaram abordar o plantão psicológico a partir de um enfoque teórico específico; seis^{18-20,25-27} se debruçaram sobre o plantão psicológico enquanto prática clínica na formação em psicologia; e outros seis^{21,22,28,32-34} estudos trataram dos sujeitos atendidos no plantão. A seguir, detalhamos a análise do conteúdo de cada um desses conjuntos de artigos.

a) Fundamentação teórica do plantão a partir de uma abordagem específica

Neste eixo, os estudos versaram sobre o plantão a partir da psicanálise^{29,30}; gestalt-terapia²³, psicodrama¹⁶, psicologia humanista-fenomenológica¹⁷, terapia cognitivo-comportamental²⁴ e existencialismo sartriano³¹. Isso mostra um movimento de engajamento de atores de várias matrizes teóricas da psicologia na produção de conhecimento sobre o plantão, sinalizando uma expansão das perspectivas acerca dessa prática clínica e abertura para articulação de diálogos entre as abordagens.

Daher et al.²⁹ (2017) abordaram, em um estudo teórico-clínico, a escuta psicanalítica no plantão psicológico. Para as autoras, o encontro entre o plantonista e o sujeito em sofrimento psíquico é um encontro analítico, ainda que único e breve. Elas consideram que, assim como no processo de análise, no plantão também há espaço para a técnica de escuta psicanalítica, atenta às manifestações do inconsciente que emergem na fala do sujeito. Desse modo, a escuta do inesperado no plantão é a escuta de um não-dito do discurso, viabilizada pela transferência estabelecida ali naquele encontro.

No referido estudo estabeleceu-se também um diálogo com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), sobre a qual se sustentam as bases do plantão e da literatura a respeito do tema, destacando-se as aproximações. Assim como na escuta psicanalítica tem-se a escuta do saber do sujeito, na escuta centrada na pessoa compreende-se o sujeito como detentor de uma capacidade para crescer e se desenvolver na medida de suas potencialidades intrínsecas. Ademais, houve uma correlação entre a concepção da ACP de que o encontro entre o plantonista e o sujeito busca tornar esse último mais autônomo e a noção psicanalítica de responsabilização do sujeito perante seu sofrimento, o que implica torná-lo mais consciente de seus processos²⁹.

Esse diálogo sobre o plantão com a ACP também pôde ser visto num relato de experiência sobre um plantão gestáltico²³. O plantão psicológico centrado na pessoa tem como eixo fundamental o encontro, a relação de ajuda, na qual o terapeuta atua de forma a facilitar o crescimento do cliente. Da mesma forma, o plantão psicológico gestáltico prioriza a psicologia do “entre”, da mutualidade, tornando esse encontro único. Nesse formato de atendimento, a gestalt-terapia se volta para a atitude da pessoa frente a

seu problema, o que, na perspectiva centrada na pessoa, se aproxima da ideia de facilitar para que o sujeito se posicione diante de seu sofrimento.

Em um estudo¹⁶ que objetivou investigar as possibilidades de fundamentação do plantão psicológico no referencial do psicodrama, observou-se que o uso de técnicas psicodramáticas contribuiu para ampliação das formas de expressão do cliente ao passo que facilitou a empatia e a aproximação do plantonista. Tais técnicas foram consideradas como um recurso importante para auxiliar o plantonista a transpor momentos de estagnação que possam ocorrer durante o encontro e fomentar mudanças de percepção dos clientes a partir da experiência vivencial. Acrescentou-se ainda que a dramatização mobiliza expressão de aspectos excluídos da experiência. Aqui é possível estabelecer uma correlação com a escuta psicanalítica do não-dito demarcada por Daher et al.²⁹ (2017).

Ortolan, Sei, Bezerra, Victrio³⁰ (2020) ousaram abordar o plantão psicológico como uma possibilidade de porta de entrada na análise psicanalítica. Para essas autoras, o encontro terapêutico em plantão guarda semelhanças com os primeiros tempos do tratamento analítico. Na primeira fase do processo analítico, acontece a retificação subjetiva, que é o momento em que o analista identifica a relação do sujeito com seus sintomas, o sentido que ele consegue dar ao seu sofrimento. A partir dessa compreensão, as autoras indicaram que um plantão pautado pela ética da psicanálise visa justamente situar o usuário em relação a sua posição na realidade apresentada, o que corresponderia ao processo de clarificação de demanda citado na literatura humanista sobre o plantão.

No que se refere às intervenções empregadas pelos plantonistas numa perspectiva humanista-fenomenológica, Barbosa, Casarini¹⁷ (2021) identificaram três tipos: reflexão, cuidado e explicação. Eles elucidaram que as intervenções reflexivas são aquelas em que o plantonista leva a pessoa atendida a reconstruir sua narrativa, reestruturando descontinuidades e incongruências de sua experiência. As intervenções de cuidado são as que afirmam o interesse genuíno do plantonista em ajudar e acolher o cliente, já as de explicação dizem respeito às orientações e informações sobre funcionamento de instituições, serviços, procedimentos, entre outros, fomentando autonomia e autocuidado. Esses três núcleos de sentido expressam a ressonância dos pilares da psicologia humanista-fenomenológica na clínica do plantão.

Pimentel de-Medeiros et al.²⁴ (2021) propuseram um protocolo de atendimento para plantão psicológico baseado na terapia cognitivo-comportamental - TCC. Tal como têm se desenvolvido os estudos nessa abordagem, os autores buscaram estabelecer uma prática bastante estruturada, centrada no presente e com foco na brevidade. Esse protocolo, com duração média de trinta minutos, constitui-se de quatro fases: acolhimento (cinco minutos); escuta e intervenção (dez minutos); psicoeducação (dez minutos); e encerramento (cinco minutos). Dessa forma, nessa proposta, nota-se que foi possível imprimir no plan-

tão as marcas de uma abordagem, dando-lhe uma forma muito específica, o que evidencia o caráter maleável desse dispositivo de escuta.

A concepção sartriana de homem como uma totalidade foi destacada em um dos trabalhos³¹. Essa totalidade se revela inteira em todos os gestos, expressões e inquietações do sujeito acolhido, de modo que, mesmo em atendimentos de curta duração, é possível depreender os sentidos que comunica. Nessa perspectiva, a queixa atendida não é percebida como um aspecto isolado da existência, mas como um fenômeno intrincado com o todo, o que implica dizer que, ao examinar essa queixa junto com o sujeito, o terapeuta pode não só auxiliá-lo a lidar com os impasses da situação, como também a obter uma maior compreensão de si mesmo e dos sentidos que atribui às suas vivências. Acerca disso, Cury³⁵ (2012) afirma que a eficácia do plantão psicológico não toma como critério o grau de resolutividade do problema, ou seja, não se sustenta sobre a solução da queixa em si, mas dirige-se à pessoa, compreendida como um todo em suas nuances de expressões, gestos, comportamentos e emoções.

Uma característica que esteve presente em todos os artigos deste eixo de significado foi a importância da relação no atendimento em plantão. Esses estudos trouxeram, a partir das especificidades do olhar das abordagens que os sustentam, a relação entre o indivíduo e o plantonista como o cerne do acolhimento, da promoção de bem-estar psicossocial e da produção de mudanças do sujeito em crise. Trata-se de uma relação de ajuda como preconizada pela ACP, que, ao considerar ajuda sinônimo de crescimento e desenvolvimento, compreende tal relação como aquela em que se ofertam as condições necessárias para que esse crescimento ocorra³⁶.

b) Plantão enquanto prática clínica na formação profissional em psicologia

O plantão psicológico enquanto prática clínica na formação em psicologia foi um segundo núcleo de sentido delineado. Os estudos de Braga, Farinha, Souza Filho, Oliveira²⁵ (2019); Signorini, Ferretti, Silva¹⁸ (2021); Macêdo, Duarte, Nunes¹⁹ (2021); Nunes, Morato²⁰ (2020); Ortolan, Sei, Victrio²⁶ (2018) e Staliano, Silveira, Vanz, Navarro²⁷ (2017), explicitam a importância do plantão para a construção do olhar do psicólogo numa perspectiva de clínica ampliada, comprometida com a escuta da realidade dos sujeitos e pautada na ética do encontro. Tais estudos evidenciaram também como o aprendizado em plantão capacita para uma atuação política da psicologia, preocupada com as necessidades da comunidade e com as formas de democratização do acesso aos serviços clínico-psicológicos.

Braga, Farinha, Souza Filho, Oliveira²⁵ (2019), num estudo com 48 diários de bordo, elaborados por estagiários do quarto e do quinto ano do curso de psicologia sobre a experiência no plantão psicológico nos hospitais gerais, concluíram que essa modalidade de atendimento

propiciou aos estudantes ampliação dos modos de compreender a atenção em saúde. A facilitação do cuidado em saúde despertou, nos plantonistas em formação, uma percepção dos múltiplos aspectos que compõem esse cuidado. Ademais, os autores pontuaram que os estudantes puderam vivenciar a dimensão ético-política da psicologia, uma vez que o acesso ao cuidado em saúde e a promoção do autocuidado criam espaços que favorecem o conhecimento e a atuação em busca da garantia dos direitos de cidadania.

Sobre as práticas realizadas com foco na saúde pública durante a graduação em psicologia, constatou-se que a experiência em plantão psicológico é considerada de grande relevância para a formação do psicólogo e atuação desse profissional em saúde pública. A inclusão do plantão no projeto pedagógico do curso de psicologia passa também pela compreensão de que se trata de uma prática contemporânea que responde às demandas atuais de sofrimento¹⁸.

Macêdo, Duarte, Nunes¹⁹ (2021), ao investigarem a experiência de escuta clínica de estudantes nas modalidades de triagem e plantão psicológico, destacaram que a instituição de ensino deve oferecer uma integração consistente entre teoria e prática, visto que a desarticulação entre essas duas dimensões do processo de ensino-aprendizagem constituiu uma das dificuldades relatadas pelos estudantes no estudo. As autoras sinalizaram ainda que a inserção dos estudantes em práticas nos serviços-escola nos semestres mais iniciais do curso diminui a insegurança experienciada no estágio obrigatório do último ano e contribui para o desenvolvimento da escuta clínica.

Nunes, Morato²⁰ (2020) discutiram a experiência de quatro plantonistas em seu primeiro estágio de atendimento no projeto de plantão de uma clínica-escola universitária no terceiro semestre do curso. Eles concluíram que a prática em plantão no início do curso apresentou-se como “formação”, propiciando aprendizagem pela experiência. No plantão, o atendimento do inesperado levou os estudantes a improvisarem, deixando emergir aquilo que os tocava e deslocando-se do raciocínio explicativo para uma expressão poética genuína. A vivência no plantão levou também a uma compreensão de que cuidar, mais do que inclinar-se para, significa estar presente para deixar vir à tona o sofrimento e os desejos do sujeito.

Os relatos de experiência de Ortolan, Sei, Victrio²⁶ (2018) e de Staliano, Silveira, Vanz, Navarro²⁷ (2017) sobre projetos de extensão de plantão psicológico desenvolvidos em serviços-escola de psicologia apontaram a importância dessa modalidade de atenção para integração com a comunidade, situando a universidade em relação ao seu papel de prestadora de serviços públicos, e não restrita ao lugar de produtora de conhecimento, e para a formação do psicólogo como agente social de mudança. Nesses trabalhos, a oferta do plantão também foi vista como possibilidade de articulação das instituições de ensino com as políticas públicas de saúde e assistência social, fortalecendo o trabalho em rede ao mesmo tempo em

que prepara profissionais para uma atuação socialmente engajada.

A presença do plantão no processo formativo em psicologia, como foi vista nos artigos aqui analisados, mais do que possibilitar a compreensão da clínica para além da psicoterapia convencional, leva os atores psi a um encontro legítimo com o sujeito em angústia, convocando-os a propor e a exercer formas cuidadosas de abordar a subjetividade e o sofrimento dos pacientes.

c) Os sujeitos do plantão psicológico

Essa categoria temática inclui estudos^{21,22,28,32-34} que refletem acerca de quem são as pessoas atendidas e como foram as experiências nesse dispositivo de escuta. Tratam do plantão como uma importante prática de atenção às pessoas em situação de sofrimento/angústia.

Assim, Vieira²⁸ (2019), em um estudo sobre a oferta de escuta em plantão a sujeitos marginalizados, discutiu as estratégias clínicas para lidar com o sofrimento decorrente das desigualdades e da exclusão social. O plantão é explorado aqui em sua dimensão política, como espaço em que os sujeitos em sofrimento ético-político, que vivem a dor de serem descreditados, tratados como se não tivessem valor ou utilidade, encontram acolhida. Para esses sujeitos, o afeto e o cuidado têm um sentido ainda maior. Ser escutado, perceber que suas experiências importam, contribuiu para um resgate da dignidade desses sujeitos e para que eles se percebessem ativos em suas histórias e potencialidades.

Em um estudo²¹ com pais e/ou cuidadores de crianças com autismo atendidas em plantão psicológico foi possível identificar, apesar das diferenças e singularidades de cada caso, características que os unem: o luto diante do diagnóstico, as dificuldades com os cuidados com as crianças e o isolamento social. No plantão, esses pais/cuidadores, que, por vezes implicados na rotina de cuidados com as crianças autistas, não conseguem voltar-se para si, puderam compartilhar suas experiências, sonhos, dificuldades do dia a dia, medos, visões de mundo, pedidos de ajuda e até mesmo a necessidade de “apenas” serem escutados.

Outro estudo³⁴ se debruçou sobre a caracterização de usuários e demandas de um serviço de plantão psicológico, aberto à comunidade, ofertado em um serviço-escola de uma universidade do interior do Paraná. Os resultados da pesquisa revelaram que o público atendido era predominantemente feminino e composto por adolescentes com idade entre 12 e 18 anos. O grupo etário de 40 a 65 anos foi o que menos buscou o serviço. Verificou-se a prevalência de conflitos familiares e de depressão, seguidos das queixas de ideação e/ou tentativa de suicídio e ansiedade.

Silva, Bini³³ (2021), por sua vez, buscaram analisar as percepções de plantonistas e agentes de uma delegacia de defesa da mulher acerca da violência de gênero e seus impactos psíquicos no cotidiano pessoal e de trabalho dessas mulheres. As autoras pontuaram que o plantão

psicológico, nesse contexto, é um importante dispositivo no combate à violência contra a mulher e no desenho de novas políticas públicas. No entanto, as plantonistas são expostas a uma pesada carga emocional e não dispõem de suporte psicológico, tendo de desenvolver estratégias pessoais de enfrentamento.

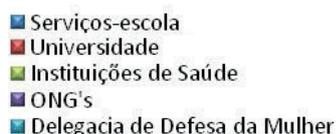
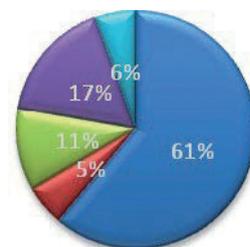
A visão dos usuários sobre o plantão foi privilegiada em um estudo desenvolvido por Ortolan, Sei²² (2019), no qual se observou que o caráter emergencial e a necessidade de serem ouvidos foram fatores que levaram à busca de atendimento. Para esses usuários, o atendimento em plantão possibilitou um redimensionamento de suas queixas, fazendo-os percebê-las com uma magnitude menor ou a partir de outras perspectivas. Ao serem ouvidos (e ao se ouvirem) em suas angústias, os sujeitos conseguem caminhar em direção à elucidação dos fatores envolvidos na situação que os aflige, podendo assumir um papel mais ativo diante de suas vivências. No que se refere às expectativas do serviço, o estudo concluiu que eles desconheciam a proposta ofertada e esperavam por atendimento psicoterápico individual semanal, todavia apontaram benefícios percebidos no plantão, como a abertura para acolhimento imediato e o alívio e bem-estar favorecidos pelo encontro com o plantonista, enfatizando a importância do espaço de escuta e de fala.

Para Pereira³² (2019), o sujeito do plantão é essencialmente o sujeito da pós-modernidade. Esse homem contemporâneo busca respostas imediatas para seu sofrimento, ao passo que precisa se satisfazer com os novos objetos oferecidos pela pós-modernidade. Trata-se de um sujeito que se defronta com uma relação conturbada com o tempo, o qual se impõe duramente e imprime urgências no viver e no sentir. Ao se colocar ali, acessível para quando esse sujeito necessita, o plantão se mostra capaz de aplacar os efeitos do mal-estar contemporâneo.

Inserção institucional do serviço de plantão psicológico

Neste momento, cabe analisar o local em que se deu a prática do plantão nas pesquisas (Figura 2), constatando-se uma predominância dos serviços-escola das universidades, que configurou o campo de estudo de 11 publicações^{17,19,20,22-24,26,27,29,30,34}. É importante esclarecer que, dentre os 19 estudos analisados, um³² não abarcou um local de prática em sua investigação, explorando o plantão sem distinção de um contexto específico. Assim, 61% das produções em que o lugar do plantão integrou o contorno do estudo, desenvolveram-se a partir dos serviços-escola. Os demais trabalhos indicaram genericamente a universidade, instituições de saúde, organizações não governamentais e a delegacia de defesa da mulher (Figura 2).

Figura 2 – Locais de prática do plantão nos estudos em que o lugar foi contemplado



Fonte: elaboração própria

Esse achado revela a forte relação entre o plantão e os serviços-escola, o que remonta à sua origem, o Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP, e indica a compreensão da importância dessa modalidade clínica para a formação do psicólogo. Por outro lado, sugere também, quando correlacionado com a significativa incidência de relatos de experiências, que as produções sobre o plantão ainda se encontram em estágio inicial de conceituação, voltadas, sobretudo, para o conhecimento aplicado e concentradas nas *práxis* promovidas por instituições de ensino. Nesse sentido, Scorsolini-Comin⁸ (2015) chama a atenção para a vinculação dos atendimentos em plantão às situações de pesquisa e produção do conhecimento. Além disso, cabe ressaltar que, ao se pensar na relação entre plantão e universidade, os dados são ainda mais coesos, pois correspondem a 66% dos estudos que contemplam o lugar de oferta desse dispositivo de escuta. Consoante a isso, outro dado sobre a relação entre a produção de conhecimento acerca do plantão e a universidade precisa ser considerado: com exceção de um único artigo²¹, os estudos desenvolvidos a partir dos outros locais de prática (instituições de saúde, organizações não governamentais e delegacia de defesa da mulher) estavam indiretamente vinculados à instituição universitária. Esses estudos foram desdobramentos de atividades de extensão, estágio curricular ou grupo de pesquisa, realizadas para além dos muros da universidade.

CONCLUSÃO

A análise da literatura científica pesquisada neste estudo, mostra que o plantão tem percorrido múltiplas direções e recebido diversos aportes. Como um sistema aberto e dinâmico, mantém-se em constante interação com as necessidades das pessoas em seu tempo e lugar. Remetendo à sua origem vocabular – a palavra plantar –, Wood³⁷ (2012) nos diz que, assim como um espécime vegetal posto à terra, que encontra em seu solo nutrientes e deficiências, o plantão é um “organismo vivo” que segue

crescendo e se desenvolvendo diante de circunstâncias facilitadoras e desafiadoras.

A oferta do plantão nos serviços-escola das universidades, onde a semente foi plantada e cultivada, representa um duplo efeito importante: abertura para atendimento das demandas da comunidade e contribuição para formação do psicólogo como agente social de mudança. Sua presença nos serviços universitários permite ampliar as perspectivas sobre o sofrimento humano e redimensionar o papel do psicólogo e seu campo de atuação, a partir de um olhar da clínica ampliada, na interface entre instituições e sociedade³⁸.

Nos artigos aqui avaliados, constatou-se que, no plantão, é o sujeito, não o problema, com suas experiências e os sentidos que atribui ao mundo, que é focalizado. O objetivo não é resolver uma situação específica que se apresenta, mas facilitar que o indivíduo consiga, de forma mais integrada, lidar com a situação atual e com outras que venham a surgir, fomentando sua autonomia e respeitando seus recursos pessoais de enfrentamento.

Entretanto, é preciso cautela para não o tomar como uma solução para todos os males, aplicável indistintamente em quaisquer circunstâncias, especialmente diante das dificuldades de acesso aos serviços públicos de atenção à saúde mental e da complexidade que envolve a articulação de um trabalho em rede³⁵. O plantão, como toda e qualquer prática clínica, não consegue abarcar todas as possibilidades de atenção em saúde mental e não se propõe a ser uma alternativa à psicoterapia convencional. Além disso, é necessário lembrar que, como pontua Schmidt³⁹, sua total abertura para acolher o que chega implica um convite à criatividade nos modos de responder, a fim de se estabelecer um diálogo contínuo com as dimensões socioculturais que configuram sua prática.

LIMITAÇÃO DO ESTUDO

Como limitação deste estudo, tem-se a composição do *corpus* de análise apenas por publicações no formato de artigo. A continuidade deste estudo contemplará a busca em bases digitais especificamente voltadas para disponibilização de teses e dissertações, sempre na perspectiva de identificar possíveis convergências da produção científica brasileira sobre o tema com a literatura científica internacional.

REFERÊNCIAS

1. Rosenberg RL. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. São Paulo: EPU; 1987.
2. Tassinari MA. A clínica da urgência psicológica: contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos [tese]. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2003.
3. Rebouças MSS, Dutra E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. Rev abordagem gestál. 2010;16:19-28.
4. Tassinari MA, Durange, W. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. Rev NUFEN. 2011;3:41-64.

5. Palmieri TH, Cury VE. Plantão psicológico em hospital geral: um estudo fenomenológico. Psicol reflex crít. 2007;20:472-9. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300015>.
6. Figueiredo LCM. Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo/Petrópolis: EDUC/ Vozes; 1995.
7. Souza BN de, Souza AM de. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. Estudos de Psicologia. 2011;28:241-9. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200011>.
8. Scorsolini-Comin F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. Psico-USF. 2015;20:163-73. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>.
9. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas; 2002.
10. Cerro AL, Bervian PA, Silva Rda. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2007.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2016.
12. Castro R. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia? Physis. 2021;31. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310100>.
13. SEI, M. B. Currículo do sistema currículo Lattes [internet]. Brasília; 2022 dez [acesso em 2022 dez 26]. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>.
14. Brasil. MEC. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Qualis Periódicos. Plataforma Sucupira [internet]. [acesso em 2022 dez 05]. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>.
15. Brasil. MEC. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Considerações sobre Qualis Periódicos: psicologia [internet]. [acesso em 2022 dez 06] 2016. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/Consideracoes_Qualis_Periodicos_Area_37__2016_08_08_PSILOGIA.pdf.
16. Vieira ÉD. Novas direções para o plantão psicológico: o psicodrama como referencial. Rev Bras Psicodrama. 2019;27(2):199-211. doi: <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20190023>
17. Barbosa F, Casarini KA. Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola. Psicol Estud. 2021;26. doi: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v26i0.46700>
18. Signorini T, Ferretti F, Silva MEK da. Práticas em psicologia na saúde pública: aproximando cenários e contextos. Psicol Ciênc Prof. 2021;41(spe2):2021. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003194293>.
19. Macêdo S, Nunes ALP, Duarte MVG. Escuta clínica, triagem e plantão psicológico em um serviço-escola pernambucano. Psicol Ciênc Prof. 2021;41. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219706>
20. Nunes AP, Morato HTP. O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. Rev abordagem gestalt. 2020;26:2-12. doi: <https://doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.1>.
21. Nobre DdaS, Souza AMde. Vivências de pais e/ou cuidadores de crianças com autismo em um serviço de plantão psicológico. Rev Baiana Enferm. 2018;32. doi: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.22706>
22. Ortolan ML, Sei MB. Avaliação do plantão psicológico de um serviço-escola de psicologia. Interação Psicol. 2019;23(2). doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.56248>

23. Soares LLM. Plantão psicológico gestáltico - a escrita de uma experiência. *Estud Pesqui psicol.* 2019;19(4):997-1017. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49298>
24. Pimentel-de-Medeiros AGA, Vieira OAG, Beraldo EMM, Chaves-dos-Santos FL, Silveira EG, de-Lima-Filho LE, et al. Plantão psicológico cognitivo-comportamental na pandemia da CoViD-19. *Rev Bras Ter Cogn.* 2021;17(1):58-65. doi: <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20210008>.
25. Braga TBM, Farinha MG, Souza Filho C, Oliveira K. Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica. *Rev SPAGESP.* 2019;20:99-112.
26. Ortolan MLM, Sei MB, Victrio KC. Serviço-escola de psicologia e potencialidades dos projetos de extensão: construção de políticas públicas em saúde mental. *Revista Brasileira de Tecnologias Sociais.* 2018;5:78-85. doi: <https://doi.org/10.14210/rbts.v5n1.p78-85>
27. Staliano P, Silveira MA, Vanz S, Navarro BF. Plantão psicológico na clínica-escola de psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. *RealizAção.* 2017;4(80):33-45. doi: <https://doi.org/10.30612/re-ufgd.v4i8.7183>.
28. Vieira ÉD. A escuta do sofrimento de sujeitos marginalizados através do plantão psicológico: relato de experiência. *Itinerarius Reflectionis.* 2019;15:01-20. doi: <https://doi.org/10.5216/rir.v15i1.53968>
29. Daher ACB, Ortolan MLM, Sei MB, Victrio KC. Plantão psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. *Semina: Ciênc Soc Hum.* 2017;38(2):147-58 doi: 10.5433/1679-0383.2017v38n2p147
30. Ortolan MLM, Sei MB, Bezerra PV, Victrio KC. Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. *Stylus (Rio de J.).* 2020 jul;39:47-158. 2020. doi: <https://doi.org/10.31683/stylus.vi39.440>
31. Leão-Machado FC, Vaccaro MM, Freitas, SMP de. atendimentos psicológicos breves em instituições públicas de saúde: contribuições do existencialismo sartriano. *Psicol Ciênc Prof [online].* 2021;41:spe4. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003211479>.
32. Pereira FMA maleabilidade do plantão psicológico nos contextos de atuação: uma medida preventiva à pós-modernidade. *Revista Mundi Sociais e Humanidades.* 2019 jan-jul;4:48. doi: <http://dx.doi.org/10.21575/25254774rmsh2019vol4n1806>
33. Silva AMB da, Bini MCN e. Percepções sobre o plantão psicológico em uma Delegacia de Defesa da Mulher. *Psicol USP.* 2021;32. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200201>
34. Risczik JA, Strassburg SCB, Fernandes AV. Reflexões sobre o plantão de atendimento psicológico a partir da caracterização de usuários/as e demandas. *Revista Em Extensão.* 2020;18(2):03-18. doi: <https://doi.org/10.14393/REE-v18n22019-48365>
35. Cury VE. Plantão Psicológico em clínica-escola. In: Mahfoud M, organizador. *Plantão psicológico: novos horizontes.* 2 ed. São Paulo: Companhia Ilimitada; 2012. p.131-145.
36. Morato HTP. Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda? In: Rosenberg RL. *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa.* São Paulo: EPU; 1987. p. 24-44.
37. Wood JK. Prefácio. In: Mahfoud M, organizador. *Plantão psicológico: novos horizontes.* 2 ed. São Paulo: Companhia Ilimitada; 2012. p. 9-11.
38. Morato HTP. *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.* Casa do Psicólogo; 1999.
39. Schmidt MLS. *Aconselhamentopsicológico e instituição: algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico no IPUSP.* In: Morato HTP. *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.* Casa do Psicólogo; 1999. p. 91-106.

Submetido em: 23/12/2022

Aceito em: 06/03/2023